

Panorama da velhice e o documentário como instrumento de representação: Uma análise das formas de ser idoso no documentário *Tracejos do Tempo*¹

Fábio Júnio Pereira SOUZA²

Michele TAVARES³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

O Presente artigo busca compreender em que medida a produção documental representa as formas de ser idoso. Buscando no trabalho de conclusão de curso e documentário *Tracejos do Tempo: as marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, entender como este idoso é representado ou como é a forma de ser idoso. Ele também busca nos estudos sobre representação do idoso no cinema formas de como estes idosos são vistos e como são apresentados ao telespectador.

PALAVRAS-CHAVE: envelhecimento; cinema; representação; documentário

INTRODUÇÃO

Em 2017, a partir de percepções sobre a cidade de Mariana e o envelhecimento, inicia-se o desenvolvimento de um filme documentário tematizando o abandono na terceira idade. Seguindo perspectivas de base, como a própria terceira idade, a família e o abandono, o

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Brasil (2018), e-mail: fajunpe@gmail.com

³ Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2016) e Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil, e-mail: maria.santo@gmail.com

filme *Tracejos do Tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*⁴, que já buscava identificar histórias e relatos de idosos que vivem na Instituição de Longa Permanência para Idosos, acaba por se definir e construir diálogo através das histórias e memórias dos residentes do Lar Santa Maria. A proposta permaneceu intacta, registrar essas histórias, mostrando essa realidade bem próxima a nós, ora esquecida pelas famílias, ora esquecidos pelo Estado.

Este artigo nasce logo após a finalização do trabalho de conclusão de curso já descrito, e tem como objetivo principal entender em que medida a produção documental representa as formas de ser idoso. Para isso buscamos um diálogo com trabalhos que tematizam e explicam tanto o envelhecimento como as maneiras de representação.

Para que se possa entender o envelhecimento este trabalho traz um panorama sobre o processo de envelhecimento sob o olhar e estudos de autores como Luiz Gilmar Delecrode (2002), que irá abordar a maneira como a chegada da idade é entendida pelo idoso, bem como dos pesares da idade. Ainda nesse contexto, traremos a visão de Eliane Brum (2008), acerca do envelhecimento em sua reportagem *A casa dos velhos*, do livro *O Olho da rua*. Neste percurso, também será utilizado o trabalho de Ediane Sehn e Janete Carrér (2014), que abarca os processos patogênicos e sociais do envelhecimento.

Após abordagem sobre o envelhecimento do idoso iremos nos aprofundar nas formas de representações do idoso em produções audiovisuais, sobretudo no cinema. Para isso, iremos trabalhar com os estudos de autores como Iara Oliveira Gomes e Teresa Kazuko Teruya (2011), bem como os trabalhos de Mônica Joesting Siedler (2013), que trás em seus estudos a discussões a respeito das representações da velhice nos filmes, e a influência da cultura na produção cinematográfica.

Em seguida fazendo uso dos estudos de Claudio Bezerra (2013) de Nichols (2005) João Nunes da Silva e Anderson de Souza Alves (2011) iremos construir diálogo entre os principais titulações utilizadas no filme para descrever o sujeito ou personagem, também iremos abordar a partir dos estudos de Eduardo Coutinho (2007), Sheila Curran Bernard (2008), Eduardo Baggio (2012), novamente Bill Nichols entre outros, a construção de um olhar sobre o documentário, a partir de conceitos e formulações temáticas sobre o assunto.

⁴ Filme documentário produzido para a disciplina de Projetos Experimentais II, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), entre os anos de 2017 e 2018 como forma de avaliação ao recebimento do título de Bacharel de Jornalismo. Disponível em: <<https://youtu.be/IR8XCvrRTt0>>. Acesso em: 14 de abril de 2019.

1. Um panorama da velhice

Entender o envelhecimento se faz necessário uma vez que tomamos este ponto como partida para analisar a maneira de ser idoso representada em dispositivos como a TV através do cinema e a ser analisado com base no documentário *Tracejos do Tempo, as marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*. Sendo assim começaremos a abordagem deste trabalho por um panorama da velhice e logo mais compreenderemos as representações destes idosos em produtos audiovisuais, com o olhar voltado sobre as produções de cinema e as produções documentais.

Luiz Gilmar Delecrode (2002) declara que, “ao envelhecer, o mundo encolhe, e os próprios homens ficam mirrados. Apesar das doenças que lhes provocam, a falta de atividade, os impede de conseguir o que é necessário à sua subsistência.” (2002, p.15) Essa afirmação talvez possua em certa medida, alguma verdade, já que sua pesquisa está voltada para o idoso Asilado. Segundo ele o envelhecimento traz consigo limitações, que impedem atividades que possibilitem o idoso viver adequadamente, garantindo o que lhe for necessário para seu próprio sustento.

Delecrode (2002) afirma ainda, que o tempo já não é mais um caminho a ser percorrido por este idoso. E que o cansaço que o acomete a idade, não lhes resta alternativa “senão ficar sentada e refletir sobre as coisas que lhe aconteceram.” (2002, p.19) Ele completa essa informação, dizendo que a questão não é mais quem “sou” e sim “o que estou fazendo aqui”. Delecrode apesar de utilizar uma terminologia pesada sobre o idoso, traz consigo algumas verdades sobre o processo de envelhecimento, bem como a forma que é enxergada pela nossa sociedade.

O autor opta por usar em seu trabalho o termo *velho*, todas as vezes que menciona o idoso, o que segundo ele, se justifica pela forma como a sociedade olha para aquele idoso. Delecrode (2002) coloca uma interrogação e pondera sobre a realidade de se envelhecer, perguntando: o que é ser velho? E que para ele, ser velho é quando se viveu bastante, é onde se perde a beleza e o encanto. Segundo o autor, ser velho e não possuir uma família é algo muito mais freqüente do que podemos imaginar.

Em consonância com isso, Eliane Brum (2008), expõe uma realidade comum, de medo no processo de envelhecimento, para muitos desses idosos. Ela declara que,

Se o mundo é perigoso para todos, para os velhos torna-se campo minado. Cada buraco na calçada pode ser fatal. cada degrau a mais, a promoção da bengala para a cadeira de rodas. Os pés cansados não são mais capazes de alcançar o ônibus onde o motorista bufa de impaciência “com esses velhos que não pagam e ainda atrasam a gente”. As pernas não obedecem ao comando da adrenalina diante das crianças que os tornaram alvo preferencial dos assaltos no confronto entre dois vencidos, a infância abandonada e a velhice desvalida. É assim que vão sendo expulsos. (BRUM, 2008, p.93)

Brum (2008), em sua reportagem “*A casa de velhos*”, afirma que os idosos são temerosos não pela morte, mas pela queda. E que

Já, Ediane Sehn e Janete Carrér (2014, p.15) destacam que o envelhecimento é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do homem. Para elas, o mesmo processo se dá por meio de mudanças físicas, psicológicas e sociais que acontecem de forma individual em pessoas com idade elevada.

Luiz Gilmar Delecrode declara que, “o medo de envelhecer e de perder forças, beleza, vitalidade, dentes, memória, prestígio e poder compara a velhice a um triste outono. Pois a umidade ainda não chegou e o calor já se foi ou perdeu sua energia. Todos querem uma vida longa, mas ninguém quer envelhecer.” (2002, p.11)

Ainda segundo ele, o que apavora o idoso não é o cabelo branco, pele enrugada, ou impotência sexual, o que de fato causa medo a todos é a idéia de perder. E afinal de contas ninguém quer perder. Visto com desprezo, o envelhecimento apavora, sendo comparado a imagem da derrota, onde os derrotados são abandonados. Ainda que, essa seja uma visão pessimista sobre a velhice, idosos que vivem em instituições asilares estão sujeitos ao abandono e ao desprezo por parte da sociedade que se esquecem deste grupo de pessoas.

2. Em cena a representação da velhice nos cinemas

Concordamos que existem diversas maneiras de ser idoso, e é preservado o individualismo desta fase da vida para cada pessoa. No mundo audiovisual por diversas vezes o idoso é representado de maneira a ser projetado uma representação ou uma imagem dessas diversas facetas do envelhecimento. A representação do idoso em papéis nas telenovelas ou narrativas fílmicas, quase sempre projeta imagens negativas sobre a velhice. Tendo o envelhecimento como algo pesaroso e quase sempre presumindo a dependência. Contudo conforme coloca Iara Oliveira Gomes e Teresa Kazuko Teruya

(2011), “A desconstrução das narrativas que não são transparentes nem imparciais possibilita ao idoso entender que existem diferentes possibilidades de ser idoso.” (GOMES; TERUYA, 2011, p.297)

Em seu trabalho a respeito do uso do cinema na educação de idosos, as autoras falam sobre o exercício subjetivo, e que ele é outro elemento que pode ser trabalhado na sala de aula ao utilizar o filme como ferramenta pedagógica, e justifica que “a narrativa fílmica oferece subsídios para pensar as diferentes maneiras de ser idoso”. Para as autoras, a representação do idoso no filme, consegue revelar características diferentes, ou mesmo costumes desconhecidos e até agir de forma desagradável ao olhar absorto daquele público, ainda que este retrate uma mesma época vivida pelos espectadores idosos.

São diversas as formas como são construídas as representações sociais da velhice. A mídia retrata o envelhecimento e a longevidade, de forma que quem assista fique informado sobre essa fase da vida. Na sociedade contemporânea a mídia possui papel fundamental na vida das pessoas, tendo a comunicação como ferramenta para legitimar comportamentos, discursos e ações. Em função do contexto social e dos processos sociais que a envolve, esta representação tende a se modificar com o tempo.

Para Mônica Joesting Siedler (2013), a presença dos idosos nos filmes ajuda a refletir sobre atitudes, valores e práticas sociais representadas. A autora traz a discussão a respeito das representações da velhice nos filmes, e a influência da cultura na produção cinematográfica, que acabam por determinar a representação da imagem do personagem idoso. Segundo ela, os filmes norte-americanos costumam ser “moralistas e antieróticos”, focando mais no valor da pessoa no intuito de ‘fazer chorar’. Já nos filmes europeus os idosos são apresentados como solitários, sempre vivendo sós, como cita o exemplo do filme *Chá com Mussolini*, de Franco Zeffirelli (Inglaterra e Itália, 1999). No cinema Brasileiro, segundo cita a autora, o filme, *Menino maluquinho*, de Helvécio Ratton (Brasil, 1995), conta a relação de um menino com os avós e a morte do avô materno como um processo natural. (SIEDLER, 2013, p.106)

Através de suas representações do ser idoso, é possível observar que o cinema busca sempre maneiras diferentes para representar o idoso. Contudo ainda foge ao real, como afirma Paulo Menezes (2004):

filmar o ‘verdadeiro’ não parece ser o melhor caminho para se atingir o verossímil, o que pode parecer para alguns uma contradição nos próprios termos, mas pelo contrário, um aperfeiçoamento do engano, do enganar, por meio de

artifícios que parecem ser, pois o que não é surge aos olhos do espectador como se fosse verdadeiro. (apud SIEDLER, 2013, p.106)

Mônica Joesting Siedler (2013) coloca a imagem como um instrumento relevante que tem a capacidade de mostrar e entender várias questões que direcionam a visão do envelhecimento, que, segundo ela, pode ser estereotipada. A autora afirma que a, “percepção de um envelhecimento saudável passa necessariamente por reflexões de questões essenciais de conduta humana que ocorrem no processo da vida e que é socioculturalmente transmitido de várias formas nas esferas pessoal, familiar e comunitária.” (SIEDLER, 2013, p.107)

3. Uma análise sobre o documentário

No âmbito da representação dentro do documentário, primeiramente devemos entender qual o posicionamento e qual a nomeação dada aos indivíduos quais fazem parte deste filme. No cinema de documentário diversos são as nomeações dadas a quem faz parte integral, podendo ser nomeado de personagem, ator social, sujeito ou a forma pela qual Cláudio Bezerra (2013), sugere como sendo a melhor aceção, *Performer*:

Um termo talvez mais adequado para designar aqueles que participam de um documentário é o de *performer*. Oriundo das artes cênicas, o *performer* não encarna um tipo como um ator de teatro, cinema ou televisão, ou seja, não se anula para interpretar outro *ser* inventado, é sempre ele, em pessoa, que atua. Tudo o que cria e as imagens que constrói, através da fabulação, dos gestos, da inação, dos movimentos, do silêncio etc. são espécies de camadas de si. O *performer* é o próprio autor/encenador do seu espetáculo, as “personas” surgem no processo de criação, mas podem tomar um rumo qualquer durante a apresentação, em um corpo a corpo com o público interatuante. (BEZERRA, 2013)

No entanto o autor deixa claro que de certa forma o documentário diz muito pouco sobre a complexidade do ser humano documentado. Ele afirma que não é necessariamente a pessoa a qual estamos documentando ou documentando sua história que está ali presente, é um recorte dela, uma representação daquele indivíduo, qual é “fruto das negociações estabelecidas com o realizador e mediadas pelo aparato técnico”.

Em *Tracejos do tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, este indivíduo, que pode ser nomeado de diversas formas é classificado como personagem ou ator social, conforme Nichols (1993). Esta terminologia escolhida

é utilizada para identificar todos aqueles que tiveram papel fundamental na construção do diálogo. Este grupo de atores sociais é composto pelos, idosos que participaram diretamente com depoimentos, ou aqueles que participam indiretamente, através da presença nas filmagens no espaço de locação. Conforme afirma, João Nunes da Silva e Anderson de Souza Alves (2011) “O ator social é assim chamado principalmente pelo fato de fazer parte de uma história com a qual, de alguma maneira, tem relação direta com a realidade. Isto é, com os acontecimentos do seu contexto social e histórico”. (SILVA; ALVES, 2011, p. 8)

Sendo assim entramos no que toca a importância para a construção e realização deste filme documentário. A proposta de filmagem de *Tracejos do tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, surge através de percepções sobre o envelhecimento na cidade de Mariana, na tentativa de identificar histórias e relatos de idosos que vivem sozinhos, abandonados em casas de amparo ou instituições asilares e representar tais memórias através do trabalho audiovisual.

O filme proposto tem como objetivo dar voz para um grupo de atores e atrizes sociais, que vivem em asilos, longe do convívio social que em muitos casos foram abandonados. Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2011) afirmam que este pode ser um dos papéis fundamentais exercidos pelo documentário.

Dar voz a esse “outro” desconhecido torna-se questão importante para os cineastas, e a entrevista – possibilitada pelo advento das técnicas de gravação de som direto – torna-se um procedimento privilegiado. A “voz do povo” faz-se, portanto presente, mas ela não é ainda o elemento central, sendo mobilizada, sobretudo na obtenção de informações que apoiam os documentaristas na estruturação de um argumento sobre a situação real focalizada. (LINS; MESQUITA, 2011, p.21)

O documentário apresenta a história de pessoas que pertencem à cidade de Mariana, que trabalharam por anos nesse lugar, que possuem ligação com a região e que trazem em sua memória, histórias vivenciadas aqui ou lugares por onde passaram, sendo este um fator importantíssimo para o filme, pois, conforme afirma Eduardo Coutinho (2007), “A história e a memória ganham uma outra substância quando se parte de uma geografia específica; irrompem ligadas à terra, às pessoas, a suas falas, aos encontros, misturadas ao cotidiano.” (COUTINHO, 2007, p.67)

E já que a questão proposta deste artigo é de fato a representação destes idosos, vale entendermos o quanto este tipo de produção é importante e como ela é e deve ser

compreendida. Uma vez que este tipo de filme se difere dos filmes ficcionais, porém não podemos simplesmente dizer que ela é a realidade ou reprodução da mesma.

Para que possamos entender como e onde o documentário se enquadra podemos nos apropriar do conhecimento e estudos de Bill Nichols (2005), que afirma que, “Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou a cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo que vivemos” (2005, p. 47).

Definiremos o documentário como um filme que conduz o espectador através de fatos sobre determinadas pessoas, lugares e acontecimentos. É o registro de todos estes fatos através do uso de imagens e sons, que poderemos criar este filme. Acreditamos nesta proposta em construção, a partir de sua significativa importância para a mobilização e conscientização de todos agentes da comunidade na qual pertencem nossas personagens.

O papel do documentário vai além de ser apenas um filme para exibição. Ele tem o dever de ser desafiador, criar um laço com o espectador, fazendo-o pensar sobre determinado assunto ou perspectiva, fazê-lo querer saber mais. Conforme coloca a autora Sheila Curran Bernard (2008), “um bom documentário confunde nossas expectativas, impele fronteiras para mais além e nos leva a mundos – tanto mundos literais como os das idéias – que até então não imaginávamos”. (BERNARD, 2008, p.4). Ao falar sobre a subjetividade do documentário a autora afirma que este tipo de produto exerce influência, ou tem ação sobre nós, pois o poder dele provém da representação de fatos e não da ficção.

Este trabalho é construído em cima da proposta de vivenciar a experiência dos idosos que vivem nos asilos e, conforme afirma Bernard (2008), “o melhor meio de garantir a narrativa visual é envolver o cinegrafista, e não simplesmente usá-lo como profissional que faz as tomadas”. (BERNARD, 2008, p.183)

Conforme é exposto pela autora, estar próximo do personagem, entender e vivenciar sua história, é importante para que assim o cinegrafista/documentarista seja capaz de enquadrar com beleza as imagens mais importantes, mais significativas ou mais representativas e não apenas belas imagens. Os personagens de uma história são fundamentais para a construção da narrativa e, no documentário *Tracejos do tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, estes personagens ocupam espaços insubstituíveis, e que obrigam o realizador buscar delicadeza e tato ao tocar suas histórias.

Ao pensarmos nos modos de como fazer a representação dos personagens no documentário, podemos citar três maneiras de como filmá-lo que também pressupõem sentidos na representação conforme exposto por Eduardo Baggio (2012), sendo eles o expositivo, no qual a sua premissa é mostrar o mundo de uma forma explicativa e até didática. Um segundo modo segundo o autor seria o observativo, se caracterizando por uma busca um distanciamento como viés ético de não-intervenção. E por fim, o participativo que conforme Baggio deixa claro, é “derivado de ideias de pesquisa participativa vindas das ciências sociais e da antropologia”. O autor utiliza-se do argumento de Bill Nichols, para explicar este último modo de representação, no qual diz, “O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera” (NICHOLS, 2005, p. 153 apud BAGGIO, 2013, p.526).

Eduardo Baggio (2012), ainda afirma que tais modos de representar do cinema documentário são perpassados por diversas vertentes em seus estudos, e por vezes utilizando outros nomes e com algumas diferenças conceituais. O autor no entanto, abre uma questão sobre as diferenças em abordagens dos documentários,

Porém, nas análises comparativas entre eles sempre existiu a limitação de que os documentários analisados faziam abordagens de temas diferentes e/ou foram realizados em momentos distintos, sem unidade de contexto de produção. Desta forma, analisar paralelamente documentários que optam por modos de representar diversos e, por conseqüência, comparar suas escolhas a partir de fundamentos éticos, sempre foi uma tarefa difícil, pois ao examinarmos filmes distintos, até mesmo se forem documentários com temas em comum, sempre teremos contextos de realização distintos. Assim, esse tipo de pesquisa enfrenta uma barreira metodológica muito forte (Eduardo Tulio Baggio, 2012, p.526)

Para a construção deste artigo nos propomos a seguir a temática terceira idade e sua representação no cinema, utilizando os estudos de representação já abordados e que mostram como o idoso é representado nas diversas produções, e em paralelo a isso buscamos entender como o idoso é de fato através da produção documental, caracterizado por este recorte do real, ou representação do real. Este comparativo se faz necessário uma vez que buscaremos entender as diversas formas de ser idoso através do documentário. E no argumento de Nichols (2005) enfatizamos este poder do realismo muitas vezes discriminado pelas novas gerações. “O realismo confortavelmente aceito por uma geração parece um artifício para a geração seguinte. Novas estratégias precisam ser

constantemente elaboradas para representar ‘as coisas como elas são’, e outras para contestar essa representação. (NICHOLS, 2005, p. 47)

Se para Nichols, deveremos buscar novas formas de representar “as coisas como elas são”, para Pedro Humberto Faria Camposi e Rita De Cássia Pereira Lima (2018) ao citar, Moscovici (1976) reafirmam um papel de visibilidade e integração às práticas sociais dos grupos, através de um importante caráter das representações sociais e este poder de construção do real.

Ao enfatizar a função simbólica das representações sociais e seu poder de construção do real, Moscovici chama a atenção para o papel das interações entre indivíduos e grupos que vão constituindo uma rede de significações em torno do objeto representado, o qual passa a ser integrado aos valores e às práticas sociais dos grupos. (MASCOVICI, 1976 apud CAMPOSI e LIMA, 2018, p.103)

Neste sentido e ainda falando sobre essa teoria do poder simbólico, Lilia Junqueira (2005), traz em seus estudos, uma importante discussão acerca do *habitus*, tema proposto por Pierre Bourdieu (1998) o qual afirma que:

o *habitus* é o elemento que articula “os sistemas simbólicos como estruturas estruturadas (passíveis de uma análise estrutural)” e as estruturas estruturantes, ou seja, a “concordância das subjetividades estruturantes” (BOURDIEU, 1998, p.8 apud JUNQUEIRA, 2005, p.154).

Segundo Junqueira (2005) “Bourdieu realiza sínteses entre essas duas dimensões do poder simbólico que correspondem, no pensamento sobre as representações sociais, às dimensões opostas de idéia/conhecimento e realidade.” (JUNQUEIRA, 2018, p.154) Segundo este conceito, ela explica que existe uma primeira dimensão, a do sujeito. Um sujeito pensante, que conhece, deseja e possui vontades que se refletem na “estrutura social conservando-a ou modificando-a”. Também observa-se uma segunda dimensão da estrutura social. Dimensão pela qual a autora desdobra-se em uma questão por mais, abrangente, e que diz,

A realidade é aquilo que se opõe ao conhecimento, ao desejo e à vontade, ou seja, a estrutura com a qual o sujeito se depara durante a vida social e que já estaria constituída antes mesmo de sua existência. É a lógica pré-estabelecida do mundo, são as regras de comunicação e as normas de ação moral que devem orientar a sua ação individual e coletiva e todos os dispositivos de coerção individual e coletiva que daí são derivados. As determinações da ação vindas da estrutura ou da realidade são mais fortemente codificadas. Aquelas vindas da dimensão do

sujeito ou da idéia/pensamento o são em menor grau. (BOURDIEU, 1998, p.8 apud JUNQUEIRA, 2005, p.154)

O documentário *Tracejos do Tempo: as marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, traz em seu conteúdo uma narrativa construída sob o viés da memória, do sujeito e suas histórias. Durante toda a construção do trabalho que consiste em Memorial + Documentário, foi pensado uma narrativa que perpassa ou tratasse do tema abandono e as várias facetas deste evento. No entanto, durante a construção do filme proposto, e o desenvolvimento das entrevistas e filmagens, houve uma mudança significativa da pauta, que já não tocava mais no tema abandono, ao menos não de forma direta. Passando a tratar agora muito mais a questão fundamental da memória, histórias e lembranças destes idosos que residem no Lar Santa Maria.

Outro ponto a ser destacado é que essa representação dos idosos, o qual é o ponto no qual nos pautamos para esta análise é marcada por traços distintos em cada idoso, e a memória é elemento chave de percepção, ora aqueles indivíduos que estão ali, se encontram em elevado grau de idade, onde é perceptível lapsos da memória individual e coletiva. Os idosos conforme levantado por alguns pesquisadores possuem diversas formas de ser, e todas elas individuais, se por um lado há a presença de certo conformismo com a idade, em outros, no entanto não é assim, são idosos que apesar da tenra idade possuem grande vigor e apego a vida.

4. CONCLUSÃO

Através desta pesquisa foi possível compreender que o processo de envelhecimento é definido por diversos fatores, sendo que alguns deles estão relacionados ao corpo, como a perda considerável de força, vitalidade e agilidade - sintomas que fazem com que o idoso passe a necessitar cada vez mais de atenção e cuidado. É também muito frequente na velhice uma predisposição ao aparecimento de doenças psicológicas que puderam ser observadas durante o processo de pesquisa, bem como na apuração e captação de imagens e sons nas visitas ao Lar Santa Maria, onde tive contato com diversos casos. Também é preciso destacar que o processo de envelhecimento acontece das mais variadas formas, sendo perceptível diferenças entre cada indivíduo.

Um das características e objetivos deste filme é dar espaço, voz e lugar para as memórias destes idosos. É preciso valorizar suas experiências, bem como histórias de

vida! Se por um lado este trabalho não se esgota aqui, é porque estas memórias recontadas, reconstruídas, são elementos que se transformam novamente em memória, e partem para além deste momento, deste documento audiovisual. Assim, construímos um produto do presente, criado no hoje, mas que registra, que conta e reconstrói fragmentos do passado. O documentário tem como intenção contribuir para uma mudança a realidade acima discutida, sobre a não valorização dos idosos, sobre o modo muitas vezes negativo como algumas pessoas vêem a velhice.

Através dos estudos propostos compreendemos que ser idoso se faz a partir da sua vivência e o maior fator que é visível e muitas vezes não valorizado nas diversas produções audiovisuais é a valorização das experiências dos idosos, pontos este que é construtor na narrativa do documentário, uma vez que este trabalha com a valorização da memória e daqueles idosos.

Apesar de compreendermos que essa etapa da vida é cercada por limitações, não será este um impedimento para que aqueles idosos tenham a visibilidade necessária e a real apreciação por parte da sociedade por suas histórias, bem como suas experiências de vida. Devemos nos atentar, porém ao fato de que as representações audiovisuais, em destaque as produções ficcionais caracterizam apenas um recorte dessa realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabiana Souza De. Idosos em instituições asilares e suas representações sobre família. Dissertação de Mestrado, Goiânia, p. 11-103, mar. 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ARAÚJO, C. K. et al. VÍNCULOS FAMILIARES E SOCIAIS NAS RELAÇÕES DOS IDOSOS. Revista Jovens Pesquisadores, Santa Cruz do Sul, n. 1, p. 97-107, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/2868/2033>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BAGGIO, Eduardo Tulio. **Análise dos modos de representação em documentários de mesma temática.** XVI Encontro Socine, Congresso, p. 522-530, jan. 2012. Disponível em: <http://www.inpecc.pro.br/media/uploads/pesquisas/analise_dos_modos_de_representacao_em_documentarios_de_mesma_tematica.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BEZERRA, Cláudio. A DRAMATURGIA DO DOCUMENTÁRIO: A QUESTÃO DA PERSONAGEM. **Cine Cachoeira**, [S.L], v. 3, n. 6, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.cinecachoeira.com.br/2013/11/a-dramaturgia-do-documentario-a-questao-da-personagem/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

BRUM, Eliane. O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real. 1 ed. São Paulo: Globo, 2008. 424 p.

CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LIMA, Rita De Cássia Pereira. **Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento.** Cad. Pesqui. [online], v. 48, n. 167, p. 100-127, ./jan. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v48n167/1980-5314-cp-48-167-100.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

DELECRODE, Luiz Gilmar. ABANDONO: A DOENÇA DA TERCEIRA IDADE. Trabalho Monográfico, Rio de Janeiro, p. 1-24, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/19/LUIZ%20GILMAR%20DELECRODE.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

GOMES, Iara Oliveira; TERUYA, Teresa Kazuko. REPRESENTAÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO E CONSUMO NA TELA DO CINEMA. *Travessias, Paraná*, v. 5, n. 1, p. 289-298, jan./dez. 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4538>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

JUNQUEIRA, Lília. **A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA**. *Estudos de Sociologia, Araraquara*, v. 10, n. 1819, p. 145-161, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/119>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. 94 p.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. 270 p.

SEHN, EDIANEZ; CARRÉR, JANETE. AFETIVIDADE NA TERCEIRA IDADE: REPENSAR OS SENTIMENTOS, AS POSSIBILIDADES E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS. *Fragmentos de Cultura, Goiânia*, v. 24, p. 15-24, jan. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/view/3574>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SILVA, João Nunes Da; ALVES, Anderson De Souza. *Ator Social e Personagem e suas Implicações no Documentário*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2459-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2018.